

A formação da biblioteconomia no estado do Pará: o papel do Museu Paraense Emílio Goeldi nos seus primórdios

Rodrigo Oliveira de Paiva
rodrigopaiva522@gmail.com

Ingrid Maria Luz Vergolino Zahlouth
dy.luz23@gmail.com

Sonia Maria de Sousa Dias
sdias@museu-goeldi.br

Resumo

O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), uma das instituições científicas mais antigas do Brasil, exerceu papel fundamental na origem e consolidação da Biblioteconomia no Estado do Pará. Este artigo investiga como a atuação da biblioteca do MPEG contribuiu para a formação de um campo profissional e acadêmico em uma região marcada por desigualdades sociais e limitações educacionais. O objetivo é evidenciar as conexões entre o fortalecimento institucional do museu e o desenvolvimento da Biblioteconomia na Amazônia. Justifica-se a pesquisa pela necessidade de compreender os marcos históricos que possibilitaram o surgimento da formação técnica e superior de bibliotecários na região Norte, tomando como ponto de partida ações pioneiras como a organização de cursos de capacitação técnica e a contratação de Clara Maria Galvão, primeira bibliotecária com formação superior da instituição. A metodologia empregada é qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica e documental, utilizando fontes primárias e secundárias sobre a história do MPEG e da Biblioteconomia paraense. Os resultados destacam a biblioteca do Museu Goeldi não apenas como espaço de guarda de acervos, mas como centro de produção e difusão do conhecimento. Conclui-se que a trajetória do museu evidencia a articulação entre ciência, cultura e sociedade, demonstrando que a história da Biblioteconomia no Pará está intimamente ligada à atuação desta instituição. O estudo contribui para o reconhecimento da memória institucional como elemento essencial na consolidação de políticas públicas voltadas à educação, à pesquisa e à democratização da informação na região amazônica.

Palavras-chave: biblioteconomia – Pará; biblioteconomia – história. Museu Paraense Emílio Goeldi.

The development of librarianship in the State of Pará: the role of the Museu Paraense Emílio Goeldi in its early stages

Abstract

The Emílio Goeldi Museum of Pará (MPEG), one of Brazil's oldest scientific institutions, played a fundamental role in the origin and consolidation of Library Science in the state of Pará. This article investigates how the MPEG library contributed to the formation of a professional and academic field in a region marked by social inequalities and educational limitations. The objective is to highlight the connections between the institutional strengthening of the

museum and the development of Library Science in the Amazon. The research is justified by the need to understand the historical milestones that enabled the emergence of technical and higher education for librarians in the North region, taking as a starting point pioneering actions such as the organization of technical training courses and the hiring of Clara Maria Galvão, the institution's first librarian with higher education. The methodology employed is qualitative, based on bibliographic and documentary research, using primary and secondary sources on the history of MPEG and Library Science in Pará. The results highlight the Goeldi Museum library not only as a space for storing collections, but also as a center for the production and dissemination of knowledge. It is concluded that the museum's trajectory highlights the articulation between science, culture, and society, demonstrating that the history of Library Science in Pará is closely linked to the work of this institution. The study contributes to the recognition of institutional memory as an essential element in the consolidation of public policies aimed at education, research, and the democratization of information in the Amazon region.

Keywords: library science – Pará; library science – history. Emílio Goeldi Museum of Pará.

1 INTRODUÇÃO

O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) exerceu uma relevante função no primórdio da Biblioteconomia no Estado do Pará. Ao longo da década de 1950, o MPEG instaurou uma transformação essencial ao incorporar Clara Maria Galvão como sua bibliotecária pioneira. Previamente à sua chegada, o museu carecia de um bibliotecário, enfatizando a situação da Biblioteconomia na instituição. Clara Maria Galvão, cuja trajetória já se delineara no Museu Nacional do Rio de Janeiro, com os seus saberes e vivências, convergiu para o MPEG, promovendo um passo importante na direção do estabelecimento de uma biblioteca sistematizada segundo as diretrizes da Biblioteconomia (Souza; Ferreira, 2015).

A presença de Clara Galvão ampliou as práticas biblioteconômicas no MPEG e inaugurou uma guinada na direção de uma catalogação e ordenação mais amplas. Como parte integrante de sua missão de fomentar a disciplina bibliográfica na região, a instituição organizou um curso inaugural no campo. Tal programa educativo almejava conferir aos profissionais locais as habilidades básicas necessárias à administração bibliográfica. Em conjunto com notáveis bibliógrafos, a exemplo de Plínio Abreu e Consuelo Brígido Alves, do Instituto Agrônomo do Norte, o museu assegurou a abrangência do conteúdo veiculado pelo curso. Essa empreitada atraiu 21 candidatos criteriosamente selecionados, os quais se dedicaram ao desiderato de contribuir ao panorama cultural e educacional estadual (Souza; Ferreira, 2015).

De essência intrínseca, o envolvimento inaugural do MPEG na esfera da Biblioteconomia ilustra uma dinâmica intersecção entre a exploração científica e o avanço social. Ao proporcionar qualidade à informação fornecida de modo arranjado, o museu trabalhou os fundamentos de um ecossistema bibliotecário próspero, destinado a persistir e evoluir ao longo de gerações no Estado do Pará.

O presente estudo propõe-se a evidenciar as conexões entre o fortalecimento institucional do Museu Goeldi e o desenvolvimento da Biblioteconomia como campo profissional e acadêmico na Amazônia. A pesquisa parte do pressuposto de que a história das bibliotecas e da Biblioteconomia no Pará não pode ser dissociada da trajetória dessa instituição museológica, cuja influência se estendeu para além dos muros físicos do museu, alcançando dimensões educacionais, científicas e sociais mais amplas.

Dessa forma, espera-se contribuir para uma compreensão mais ampla e crítica sobre os processos históricos que fundamentaram a emergência da Biblioteconomia no Pará, reconhecendo a relevância das instituições culturais e científicas no fomento à educação, à pesquisa e à democratização da informação. Ao lançar luz sobre o papel do Museu Goeldi nesse

contexto, esta pesquisa reafirma a importância da memória institucional e da articulação entre ciência, cultura e sociedade para a consolidação de políticas públicas voltadas ao fortalecimento da Biblioteconomia na região Norte do Brasil.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada neste estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, entendida, conforme Minayo (2012), como aquela que busca compreender a profundidade dos fenômenos sociais a partir dos significados atribuídos pelos sujeitos ou pelas instituições, privilegiando interpretações contextualizadas em vez de mensurações numéricas. Essa perspectiva é adequada ao propósito central da pesquisa, que visa analisar a trajetória institucional MPEG e o processo de consolidação da Biblioteconomia como campo de saber e prática profissional no Estado do Pará, fenômenos cuja compreensão demanda leitura histórica, interpretativa e contextual.

Do ponto de vista metodológico, o estudo combina pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica, conforme Gil (2019), permite construir o referencial teórico por meio da consulta a obras publicadas que tratam do tema, situando o problema investigado no estado da arte. Já a pesquisa documental, segundo Marconi e Lakatos (2017), é aquela baseada em materiais que não receberam tratamento analítico prévio e que possibilitam ao pesquisador acessar informações originais produzidas em contextos institucionais específicos. Assim, essa combinação metodológica fornece suporte para a reconstrução histórica e para a interpretação crítica dos processos analisados.

O recorte temporal, definido entre 1950 e 1970, segue a recomendação de Cellard (2008), para quem a delimitação temporal é fundamental na pesquisa documental, pois permite situar os documentos em seus respectivos contextos de produção e compreender a evolução das práticas institucionais ao longo do tempo. Esse intervalo foi selecionado por abranger momentos decisivos na formalização dos serviços de informação no MPEG e no fortalecimento da Biblioteconomia como profissão no Pará.

O corpus documental utilizado reúne fontes primárias e secundárias. As fontes primárias como: registros administrativos, atas, relatórios institucionais, memorandos e documentos internos, são especialmente valiosas para a análise histórica, pois constituem, segundo Scott (1990), evidências diretas das ações e decisões produzidas no interior das instituições. As fontes secundárias, compostas por estudos acadêmicos, publicações científicas e obras de referência, contribuem para contextualizar e interpretar as informações, atendendo ao que Gil (2019) descreve como a função teórico-explicativa da pesquisa bibliográfica.

Os documentos analisados estavam localizados no Arquivo institucional do MPEG, em setores administrativos específicos relacionados à gestão informacional, e no Serviço de Biblioteca do Museu Goeldi, complementados por consultas em bases bibliográficas digitais. Seguindo as orientações de Bellotto (2006) sobre organização e acesso a arquivos institucionais, a coleta dos materiais ocorreu por meio de consultas presenciais e levantamentos sistemáticos, respeitando-se os protocolos formais de acesso e preservação documental.

Os procedimentos de coleta incluíram levantamento documental, fichamento analítico e organização temática das informações, em consonância com a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). Essa técnica permite decompor os documentos em unidades de registro, classificá-las em categorias e interpretá-las em relação aos objetivos da pesquisa, garantindo rigor analítico e consistência interpretativa. Os critérios de seleção do material como: relevância para o objeto de estudo, autenticidade, confiabilidade, adequação temporal e representatividade, seguem recomendações da crítica documental, especialmente as discutidas por Cellard (2008) e Scott (1990), que defendem a necessidade de avaliar não apenas o conteúdo, mas também a origem e as circunstâncias de produção de cada documento.

Dessa forma, a metodologia empregada assegura base teórica e metodológica, permitindo a reconstrução fundamentada dos processos institucionais do MPEG e a análise

crítica da consolidação da Biblioteconomia no Pará, articulando fontes de natureza diversa e trazendo uma leitura histórica e interpretativa coerente com a natureza do fenômeno estudado.

3 A CONSTRUÇÃO DA BIBLIOTECONOMIA NO PARÁ A PARTIR DA TRAJETÓRIA INSTITUCIONAL DO MUSEU GOELDI

A ideia de instituir um museu de história natural na capital paraense fortaleceu-se diante do intenso movimento de naturalistas estrangeiros que, ao retornarem a Belém após suas expedições pela Amazônia, preparavam coleções científicas para envio aos seus países de origem, onde passavam a integrar os acervos de prestigiados museus internacionais. As constantes visitas desses estudiosos à região, dedicados à coleta e estudo de materiais destinados ao exterior, evidenciavam a urgência de se criar oficialmente o Museu Paraense, como forma de preservar localmente esse patrimônio científico e valorizar o conhecimento produzido na Amazônia.

Nesse cenário, em 1866, Domingos Soares Ferreira Penna – então secretário da presidência da Província do Pará – fundou, em Belém, a Associação Filomática, com o propósito de criar um museu dedicado à história natural e à cultura material dos povos indígenas da Amazônia, caracterizando um marco importante na institucionalização das ciências na região e consolidando-se como o embrião do que viria a ser o Museu Paraense (Crispino; Bastos; Toledo, 2006).

No entanto, apesar da indiscutível relevância da Associação Filomática, os esforços de seus integrantes mostraram-se insuficientes para garantir, naquele momento, a instalação definitiva de um museu de história natural e etnografia no Pará. Somente em 1871 a instituição seria oficialmente criada como órgão governamental, passando a funcionar de forma regular e aberta ao público sob o nome Museu Paraense de História Natural e Etnografia.

Ao longo de sua trajetória, a instituição enfrentou fases contrastantes – ora marcadas por intensa produção científica, ora por quase estagnação. Ainda assim, conseguiu sobreviver e se expandir ao longo do século XX. Foi durante a gestão de Emílio Goeldi (1894-1907), no entanto, que o Museu Paraense de História Natural e Etnografia passou por uma profunda reestruturação, consolidando-se como um importante centro de pesquisa sobre a Amazônia. Em 1900, a instituição adotou oficialmente o nome pelo qual é conhecida atualmente – Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) – em justa homenagem ao diretor que contribuiu sobremaneira para seu desenvolvimento e projeção científica (Crispino; Bastos; Toledo, 2006).

O zoólogo assumiu a direção com o propósito claro de transformar o museu em uma referência científica nacional e internacional, e a criação de uma biblioteca estruturada foi um dos pilares dessa estratégia. Inicialmente, a biblioteca instalada na instituição foi pensada e estruturada como um espaço fundamental para apoiar as atividades científicas dos pesquisadores. Nesse contexto, Goeldi (1894, p. 17) registrou sua grande preocupação ao assumir a direção do então Museu Paraense, lamentando a ausência de uma biblioteca organizada na instituição:

Uma bibliotheca propria do Museu não existe e isto constitue certamente um dos melhores criterios para se julgar do seu estado actual. Como ha de se determinar objectos de historia natural sem obras systematicas? O Museu Paraense deve ter sua bibliotheca, e até uma muito boa sobre sciencias naturaes e ethnologia, especialmente em relação a tudo que diz respeito á Amazônia.

O apelo de Emílio Goeldi teve um impacto importante e foi atendido de forma concreta. Em 1895, o então governador Lauro Sodré oficializou a criação da Biblioteca do Museu Paraense. Em relatório complementar, Goeldi (1896, p. 226-227) expressa satisfação com sua implementação efetiva:

Desenvolve-se satisfatoriamente. Durante o exercício passado tem-se, todavia, já feito, dentro dos limites dos poucos meios disponíveis, um respeitável princípio. A proporção dos livros já existentes para a dos livros estritamente precisos será aproximadamente de 1 para 4, e é indispensável para o andamento regular do Instituto, que neste ano de 1895 seja realizada a aquisição dos 3/4 restantes.

Com uma visão expansionista para a instituição, concebida como um relevante polo de produção científica, Emílio Goeldi buscou ampliar a visibilidade da Biblioteca por meio do diálogo com instituições internacionais. Em seus relatos, destaca o êxito alcançado já nos primeiros momentos do serviço de permuta. Demonstrando notável habilidade estratégica, o diretor utilizou o Boletim publicado pelo Museu como instrumento de troca, viabilizando a obtenção de doações de universidades, museus e centros estrangeiros de pesquisa:

Honraram-nos com ofertas de permuta, já nas primeiras semanas ou logo depois da saída do nosso primeiro Boletim:

I - A Sociedade de Ciências Naturais em Frankfurt an der Oder, Alemanha.

II - A Bibliotheca da Universidade de Strasburgo, Alemanha.

III - A Bibliotheca da Universidade de München, Alemanha.

IV - A Sociedade Zoológica de França em Paris.

V - O Museu de La Plata, Buenos-Ayres.

VI - Division of Mammalogy and Ornithology em Washington, Estados Unidos.

VII - O Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Tenho idênticos avisos também da parte da Universidade de Santiago (Chile), da Academia Real de Ciências de Göttingen, (Alemanha) e de diversas outras corporações (Goeldi, 1896, p. 227).

Desde o início de sua gestão, Goeldi deixou claro que uma instituição dessa natureza exige dedicação e comprometimento pessoal de seus dirigentes. Desde então, vinculou as atividades da Biblioteca ao desenvolvimento regional e ao compromisso com a Amazônia. Esse gesto representou o atendimento a uma demanda urgente e a valorização do conhecimento e da pesquisa na região. Como apontado por Coelho (1949), esse momento marcou o início de um processo contínuo de fortalecimento da biblioteca como pilar essencial das atividades científicas do Museu.

Nesse contexto, Coelho (1949) destaca como foi construída a coleção de livros da biblioteca do Museu, ressaltando o esforço constante de Goeldi para formar um acervo cada vez mais completo e alinhado com as áreas de estudo da instituição. Com dedicação e visão de futuro, Goeldi se empenhou pessoalmente na busca por livros e materiais que pudessem enriquecer o acervo. Seu envolvimento com o museu era tão forte que ele conseguiu sensibilizar e convencer importantes personalidades de diferentes países a contribuírem com doações.

Entre os que atenderam ao seu pedido, estavam nomes de grande prestígio, como o Príncipe Albert I de Mônaco, o professor Branner, da Universidade de Stanford (Estados Unidos), e o Príncipe Ferdinand I da Bulgária. Essas doações foram essenciais para o crescimento da biblioteca e mostraram o reconhecimento internacional da importância do Museu Paraense. A atuação de Goeldi, portanto, foi decisiva para consolidar a biblioteca como uma base sólida de apoio às pesquisas científicas desenvolvidas na Amazônia.

Acerca desse contexto de formação do acervo da Biblioteca do Museu Goeldi, Silva (2016, p. 83-84) relata que:

O acervo foi paulatinamente sendo formado. No início, de 1894 a 1920, por meio de permutas do primeiro *Boletim do Museu de História Natural e Ethnografia*, com conceituadas instituições científicas de vários países. Nessa ocasião, o museu já assinava alguns dos melhores periódicos científicos

mundiais. Goeldi almejava complementar o acervo com obras além das especialidades de atuação do museu, viagens e expedições; buscava obras que permitissem ampla visão das ciências relativas à Amazônia. Então, foram adquiridas séries completas como *Iust's botaniches lahrbucher* e *International Archive fur Ethnographie*. Em 1901 foram adquiridas obras importantes de zoologia e botânica, como as de Cuvier e Temminck. Outros documentos relevantes adquiridos por compra foram as obras completas de Humboldt e Bompland, intituladas *Voyages aux régions équinoxiales du nouveau continent*³ e *Sertum Palmarum Brasiliensum*, de Barbosa Rodrigues. No ano seguinte, o acréscimo se deu por intermédio do *International Bureau of Exchanges by the Smithsonian Institutions of Washington*, dos Estados Unidos, tanto de publicações científicas como obras em geral.

Sob a ótica dos recursos humanos, a biblioteca contou com a participação de variados profissionais, inclusive estrangeiros, exercendo funções de administradores da biblioteca. Destacam-se dentre eles o Coronel Magalhães Barata, Rodolf Schüller, Erich Rost, Godofredo Hagmann e Bernard Maimann. Nesse tocante, sobressaem-se dois cenários instigantes destacados pelo ex-diretor do MPEG, Machado Coelho (1949).

Primeiramente, no que concerne às questões inerentes aos recursos humanos da biblioteca, o autor relata o seguinte:

Cito um exemplo apenas para elucidar o fato e ilustrar o conto: um dia, lembro-me bem, uma tarde, Erich Rost, Godofredo Hagmann, Bernard Maimann e eu, os quatro somando os esforços, com capacidade para compreender doze línguas, ficamos com um livro na mão muito tempo sem saber onde colocá-lo por não decifrar o idioma em que era escrito e assim a matéria de que se compunha. Salvou-nos um polaco "globetrotter", visitante ocasional: o livro era um manual de zoologia, escrito em finlandês (Coelho, 1949, p. 419).

Por um período que se estendeu por mais de quatro décadas, o acervo no âmbito do MPEG viu seu número de exemplares crescer substancialmente. Entretanto, esse progresso ocorreu sem a efetiva presença de um profissional graduado em Biblioteconomia, encarregado de administrar o acervo.

Nesse sentido, Coelho (1949, p. 418) revela sua eminente preocupação sobre o cenário do acervo bibliográfico do museu no final da década de 1940.

Em 1945, dez vezes maior que no tempo de Goeldi, derramando-se por toda parte, sem um local nem instalações apropriadas para alojá-la convenientemente, a Biblioteca era nada mais nada menos que um desordenado depósito de livros [...]. Não havia ordem, catálogo, fichário ou qualquer coisa parecida. O seu último bibliotecário, um suéco inteligentíssimo, era um homem de extraordinário merecimento intelectual, falando com fluência e escrevendo com perfeição uma dezena de idiomas, como se fora um novo cardeal Mezzofante.

É importante destacar que, ao usar o termo "bibliotecário", o antigo diretor Machado Coelho referia-se aos profissionais que trabalhavam na biblioteca do museu naquela época. No entanto, nesse período, ainda não existia em Belém uma formação de nível superior para bibliotecários, tampouco um curso técnico específico nessa área.

Esses profissionais atuavam a partir da experiência prática e do conhecimento adquirido no dia a dia, muitas vezes sem formação formal. Mesmo assim, desempenhavam um papel essencial na organização, guarda e acesso ao acervo bibliográfico do museu, contribuindo diretamente para o funcionamento da instituição e o apoio às pesquisas científicas. Esse cenário

reflete um momento histórico em que a atuação bibliotecária se dava de forma empírica, mas já mostrava a importância desses trabalhadores para o desenvolvimento do conhecimento e da ciência na região.

Na cidade de Belém, durante a primeira metade do século XX, evidenciava-se a falta de profissionais formados em Biblioteconomia. As bibliotecas funcionavam, em muitos casos, com o apoio de pessoas dedicadas, mas sem formação técnica ou superior específica na área. Um exemplo importante desse cenário foi a chegada do bibliotecário norte-americano Francis Thorne, em 1940, para ajudar a organizar a biblioteca do Instituto Agrônomo do Norte, atual EMBRAPA. Sua atuação supriu uma necessidade urgente, como destacam Chelala, Cunha e Galvão (1975).

No MPEG, essa realidade começou a mudar apenas na década de 1950, com a chegada da bibliotecária Clara Maria Galvão (Figura 1). Formada pela Biblioteca Nacional em 1941, ela já tinha experiência no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde trabalhou por mais de uma década (Brasil, 1971). Entre 1955 e 1963, assumiu a responsabilidade pela biblioteca do Museu Goeldi, acompanhando seu marido, o antropólogo Eduardo Galvão, que também atuava na instituição.

Figura 1 – Clara Maria Galvão



Fonte: Arquivo do Museu Paraense Emílio Goeldi (1955).

A presença de Clara Maria no Museu Goeldi foi fundamental. Naquele momento, a biblioteca estava desorganizada, com poucos recursos e sem pessoal qualificado. Foi ela quem liderou o processo de reorganização do acervo, cuidando da catalogação, da classificação e da criação de fichas e livros de tomo, tarefas essenciais para transformar o espaço em uma verdadeira biblioteca científica. Machado Coelho (1949) já sinalizava a necessidade urgente de melhorias naquele setor.

A atuação de Clara foi além do espaço físico da biblioteca. Sua experiência e dedicação serviram como inspiração para a formação de novos profissionais. Ao assumir a gestão da Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi, Clara Galvão elaborou um relatório detalhado sobre as condições das instalações, do acervo bibliográfico e das necessidades urgentes para o início do processo de reorganização. Em seu primeiro relatório, datado de outubro de 1955, ela destacou: “Pessoal – a falta de recursos de biblioteconomia e o mercado de trabalho reduzido acarreta a carência de pessoal especializado. Acreditamos que essa dificuldade poderá ser sanada com a organização de um curso prático, intensivo [...]” (Galvão, 1955, p. 3).

O museu, atento a essa necessidade, criou um curso introdutório em Biblioteconomia, com o apoio de nomes como Plínio Abreu e Consuelo Brígido Alves. O objetivo era formar

pessoas que pudessem atuar não só no Museu Goeldi, mas também em outras bibliotecas da cidade e da região.

Diniz (1981) enfatiza que tal iniciativa resultou, em 1957, na capacitação de 21 participantes provenientes de 16 instituições locais, além do próprio Museu. Esses profissionais, embora responsáveis pelo funcionamento das bibliotecas de suas respectivas instituições, não possuíam qualquer formação específica na área. Nesse sentido, o curso promovido pelo Museu Paraense Emílio Goeldi constituiu uma grande contribuição para a formação de recursos humanos especializados, beneficiando inclusive a Universidade do Pará, que, à época, ainda não oferecia o curso de Biblioteconomia nem contava com bibliotecários em seu corpo técnico.

Dentre os 21 participantes da formação, apenas cinco chegaram a cursar o ensino superior em Biblioteconomia na UFPA, conforme relatam Chelala, Cunha e Galvão (1975). Alguns deles se tornaram professores na própria UFPA, ajudando a formar novas gerações de bibliotecários. Esse esforço coletivo mostra o papel importante do Museu Goeldi na valorização do acervo bibliográfico como parte essencial das pesquisas científicas desenvolvidas na Amazônia. Igualmente, revela o desafio que era contar com profissionais capacitados. A formação técnica e, mais tarde, superior, surgiu como resposta a essa carência.

Nesse processo, nomes como o de Clara Maria Galvão merecem ser lembrados. Em uma época na qual era raro encontrar mulheres atuando com formação superior em bibliotecas no Norte do Brasil, ela se destacou. Com sensibilidade e firmeza, ajudou a construir as bases de uma Biblioteconomia mais sólida e respeitada, contribuindo diretamente para a valorização da profissão na região. Seu legado segue presente, não só na memória do Museu Goeldi, mas também na formação de tantos bibliotecários e bibliotecárias que hoje atuam com orgulho em diferentes instituições do Pará e do Brasil.

O exemplo de Clara Maria Galvão é apenas um entre tantos que demonstram como a força individual e o compromisso institucional podem transformar realidades. Sua atuação no Museu Goeldi, para além de reorganizar uma biblioteca, contribuiu para despertar, em outras pessoas e instituições, a consciência da importância da Biblioteconomia como área de conhecimento e de prática profissional.

A biblioteca do Museu (Figura 2), até então vista apenas como um espaço de guarda de livros, passou a ser entendida como um núcleo estratégico de apoio à pesquisa científica (Beckmann, 2007). A classificação dos materiais, a padronização das informações e a acessibilidade ao acervo possibilitaram que pesquisadores brasileiros e estrangeiros pudessem utilizar esse patrimônio de forma mais eficiente. Foi nesse contexto que o papel do bibliotecário começou a ser valorizado como parte essencial do ecossistema da ciência.

Figura 2 – Fachada do prédio da biblioteca



Fonte: Diniz (1981, p. 191).

Esse movimento, iniciado no interior de uma instituição científica da Amazônia, teve efeitos mais amplos. A criação de um curso introdutório em Biblioteconomia dentro do próprio Museu Goeldi revela o esforço pioneiro de formar pessoas localmente, rompendo a lógica de dependência de profissionais vindos de fora da região. Mais do que formar técnicos, esse gesto representou um passo importante para a autonomia intelectual da Amazônia.

Aos poucos, Belém começou a construir um ambiente mais favorável para o surgimento de novos bibliotecários e bibliotecárias. A institucionalização da Biblioteconomia como curso de nível superior pela UFPA não veio por acaso, mas como resultado de um processo que envolveu articulações, experiências práticas e a coragem de pessoas que acreditaram na força da informação como elemento estratégico para o desenvolvimento.

O curso de Biblioteconomia da então Universidade do Pará foi criado em janeiro de 1963, por iniciativa dos médicos e professores José Rodrigues da Silveira Netto, reitor à época, e Clodoaldo Beckmann. O objetivo era formar profissionais qualificados para atuar na Biblioteca Central da universidade – inaugurada no ano anterior – e em instituições de destaque no cenário educacional e científico do Pará, como o Museu Paraense Emílio Goeldi, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) (Universidade do Pará, 1963).

A turma inaugural do curso de Biblioteconomia da UFPA iniciou com 21 alunos, dos quais 17 concluíram a formação em 1965 (Figura 3). Desses, 11 passaram a atuar na Biblioteca Central e no próprio curso, contribuindo diretamente para o desenvolvimento da área na instituição.

Figura 3 – Formandos da primeira turma de Biblioteconomia da UFPA (1965)



Fonte: Souza e Ferreira (2015, p. 9).

Entre eles, destaca-se Ruthe Condurú Chelala (Figura 4), que, em 1957, concluiu o Curso de Iniciação à Biblioteconomia promovido pelo Museu Paraense Emílio Goeldi em parceria com o Instituto Agrônomo do Norte. Em 1963, foi aprovada no primeiro vestibular do curso, que oferecia 20 vagas (Santos; Jesus, 2011). Tornou-se, assim, uma das precursoras e primeiras professoras da Biblioteconomia na UFPA, estimulada pelo professor Clodoaldo Beckmann, que desde cedo reconheceu seu potencial.

Figura 4 – Ruthe Condurú Chelala



Fonte: Santos e Jesus (2011, p. 79).

Beckmann (2007) a descreveu como uma pessoa inteligente, culta e com espírito empreendedor, qualidades que a impulsionaram a contribuir sobremaneira para a consolidação do curso e sua adequação aos padrões de excelência do ensino superior. Junto a Beckmann, empenhou-se ativamente na construção de uma formação sólida e de qualidade na área.

Apesar dos avanços alcançados no campo da biblioteconomia, o relatório apresentado por Ruthe Condurú e Maria Lúcia Almeida (1973), acerca do campo biblioteconômico em Belém, revelou um cenário preocupante para o interstício entre 1965 e 1972. Dos 146 profissionais diplomados nesse intervalo, 60 não estavam exercendo a profissão. A ausência da maioria pautava-se na dificuldade em encontrar locais de atuação; dados que ainda apontavam para a necessidade de ampliação e valorização dos espaços dedicados à biblioteconomia na região.

Nesse contexto, em 1975, Ruthe Condurú, em parceria com Clara Maria Galvão e Alda Cunha, publicou a obra “A Biblioteconomia no Pará”, que oferece um estudo histórico e estatístico detalhado sobre o desenvolvimento do curso no estado. As autoras refletem sobre a precariedade das bibliotecas e a escassez de profissionais qualificados na região, abordando as carências relacionadas ao trinômio Ensino-Bibliotecas-População diante dos desafios do desenvolvimento educacional e cultural do Pará. Da mesma forma, destacam as entidades de classe e os aspectos associativos que marcam a atuação dos bibliotecários no estado.

Na obra, as autoras identificam três fases distintas na trajetória do curso de Biblioteconomia no Pará: iniciação, formação e profissionalização. A fase de Iniciação (1957-1962) corresponde ao período em que órgãos públicos de Belém passaram a investir na qualificação de seus funcionários para atuação em bibliotecas.

Por sua vez, a fase de Formação (1963-1965) diz respeito à especialização de professoras de nível superior em técnicas documentárias, com o propósito de viabilizar a implementação do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará e o fortalecimento da Biblioteca Central (Chelala; Cunha; Galvão, 1975).

Esse percurso revela também os desafios históricos enfrentados pela região Norte na consolidação de políticas de formação profissional. Por muitos anos, a Amazônia foi vista como um território periférico, inclusive no campo da ciência. No entanto, exemplos como o da biblioteca do Museu Goeldi mostram que, mesmo diante das limitações estruturais, era possível construir conhecimento com profundidade e compromisso.

Na década de 1980, os esforços voltados à valorização da instrução formal de bibliotecários começaram a trazer resultados positivos para a Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi. Em março de 1983, o Museu conquistou um marco importante ao deixar de ser subordinado ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), tornando-se uma unidade autônoma dentro da estrutura administrativa do Conselho Nacional de Desenvolvimento

Científico e Tecnológico (CNPq) – conquista há muito almejada por pesquisadores e lideranças políticas do Pará. Essa nova condição exigiu uma série de adaptações institucionais, iniciadas durante a gestão do Dr. José Seixas Lourenço e em processo de consolidação sob a direção do Dr. Guilherme de La Penha.

Nesse sentido, Lourenço (1983) destacava o valor inestimável da Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi, tanto do ponto de vista histórico quanto científico. Seu acervo de obras raras incluía registros das viagens de Humboldt, Spix e a *Flora Brasiliensis* de Martius, além de importantes trabalhos de Barbosa Rodrigues, Castelnau, Crevaux e Coudreau.

Desde o início de sua reorganização, a Biblioteca dedicou-se ativamente à participação em programas nacionais voltados ao levantamento, à organização e à disseminação da documentação científica. Além de oferecer suporte fundamental às pesquisas realizadas no Museu, seu acervo estava acessível ao público em geral e a estudantes dos níveis fundamental, médio e superior. Na época, contava com instalações modernas no Campus de Pesquisa e já era reconhecida como a maior e mais qualificada biblioteca da região em sua área de especialização.

Uma das principais mudanças ocorreu em agosto de 1984, quando a Biblioteca, então denominada Divisão de Documentação e Informação, foi transformada no Centro de Documentação e Informação da Amazônia. Com essa nova configuração, a antiga Biblioteca do Museu passou a ter o status de Departamento, com o objetivo de fornecer suporte mais abrangente à pesquisa. Para isso, implementou a automação dos serviços por meio de computadores, permitindo a criação de bancos de dados e a recuperação rápida das informações (La Penha; Bruni; Papavero, 1986).

Outrossim, o trabalho silencioso e contínuo de pessoas como Clara Maria Galvão, Plínio Abreu, Consuelo Brígido Alves e tantos outros ajudou a mudar a percepção sobre a atuação em bibliotecas. Já não se tratava apenas de “guardar livros”, mas de construir pontes entre os documentos e as pessoas, entre o passado e o presente, entre a informação e a transformação social.

A história da Biblioteconomia no Pará, portanto, não pode ser contada sem o protagonismo do MPEG. A instituição, mesmo com poucos recursos em determinados períodos, manteve a clareza sobre a importância de preservar, organizar e difundir o conhecimento. E isso só foi possível porque entendeu que bibliotecas e bibliotecários são, antes de tudo, guardiões da memória e mediadores da ciência.

Hoje, décadas depois, os frutos desses esforços são visíveis. O curso de Biblioteconomia da UFPA é consolidado e reconhecido nacionalmente. Profissionais formados no Pará atuam em diversas regiões do país, contribuindo para políticas públicas, pesquisas acadêmicas e serviços de informação mais democráticos. E, em muitos desses caminhos, há ecos daquelas primeiras fichas catalográficas organizadas por Clara Maria Galvão, entre estantes no Museu Goeldi.

Reconhecer esse passado é também reafirmar a importância de valorizar as bibliotecas, acervos e, principalmente, as pessoas que os mantêm vivos. Afinal, como ensina a história, não existe ciência forte sem informação bem cuidada. E não há futuro promissor sem o compromisso com a formação de profissionais preparados para cuidar desse patrimônio coletivo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidencia a importância do MPEG para o desenvolvimento da Biblioteconomia no Estado do Pará. A análise das fontes bibliográficas e documentais ajudou a entender um período marcado por muitos desafios, em que faltavam profissionais qualificados e infraestrutura adequada para organizar e manter bibliotecas na região. Esses obstáculos também dificultavam a criação de um curso superior de Biblioteconomia no estado, algo que só viria a acontecer décadas mais tarde.

Durante essa trajetória, algumas pessoas se destacaram de forma especial, como Clara Maria Galvão. Sua atuação como bibliotecária foi fundamental em um tempo em que poucas mulheres tinham acesso à formação superior, principalmente na área da ciência e da cultura. Ela não apenas organizou a biblioteca do Museu Goeldi, como também ajudou a formar as bases do que viria a ser o curso de Biblioteconomia da UFPA. Clara Maria, com sua dedicação, mostrou que uma única pessoa pode fazer muita diferença quando acredita no valor do seu trabalho.

O Museu Goeldi, por sua vez, teve um papel central em todo esse processo. Desde os primeiros anos do século XX, a instituição valorizou a biblioteca como um espaço de produção e preservação do conhecimento, e se esforçou para manter um acervo qualificado, mesmo com as dificuldades da época. Além disso, promoveu cursos introdutórios para formar trabalhadores capazes de atuar em bibliotecas locais, contribuindo com a qualificação técnica de muitas pessoas.

Essas ações foram fundamentais para que, anos depois, fosse possível estruturar o primeiro curso superior de Biblioteconomia no Pará. A semente plantada por iniciativas como as do Museu Goeldi germinou e continua dando frutos. Atualmente, a formação de bibliotecários na região é uma realidade consolidada, que beneficia não só o meio acadêmico, mas também escolas, instituições culturais, centros de pesquisa e toda a sociedade.

Mais do que resgatar fatos históricos, este estudo procura valorizar a memória de pessoas e instituições que atuaram com compromisso, visão e sensibilidade. Entender como a Biblioteconomia cresceu no Pará é também refletir sobre a importância da preservação da cultura, do acesso à informação e da valorização das bibliotecas como espaços vivos de conhecimento. Assim, a história do Museu Goeldi e da Biblioteconomia no Pará estão profundamente entrelaçadas. Reconhecer essa conexão significa valorizar o passado, compreender o presente e projetar um futuro em que ambas as instituições continuem atuando como pilares do desenvolvimento humano, social e educacional da Amazônia e do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. L. P.; CHELALA, R. C. **Informações sobre o campo biblioteconômico em Belém (Pa.)**. Belém: Associação Paraense de Bibliotecários, 1973.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BELLOTTO, H. L. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documentos**. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial, 2006.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. **Quem é quem na biblioteconomia e documentação no Brasil**. Rio de Janeiro: IBBD, 1971. (Fontes de informação; 5).

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295–316.

CHELALA, R. C.; CUNHA, A. M. M.; GALVÃO, C. M. **A Biblioteconomia no Pará**. Belém: UFPA, 1975.

COELHO, M. A biblioteca do Museu Goeldi. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 10, p. 411-420, 1949.

CRISPINO, L. C. B.; BASTOS, V. B.; TOLEDO, P. M. (org.). **As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)**. Belém: Paka-Tatu, 2006.

DINIZ, L. A Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Acta Amazonica**, Manaus, v. 11, n. 1, supl., p. 189-206, 1981.

GALVÃO. C. M. **Relatório: agosto-setembro e plano de trabalho**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1955. 5 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOELDI, E. Relatório apresentado pelo director do Museu Paraense ao Sr. Dr. Lauro Sodré; governador do estado do Pará. Belém, 2 de janeiro de 1895. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia**, Belém, v. 1, n. 3, p. 217-239, jun. 1896.

GOELDI, E. Relatório sobre o estado do Museu Paraense apresentado a S. Exa. o Sr. Dr. governador do estado do Pará, pelo Dr. Emílio Augusto Goeldi H. T. diretor do mesmo Museu. Belém, 22 de março de 1894. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia**, Belém, v. 1, n. 1, p. 10-20, set. 1894.

LA PENHA, G. M. S; BRUNI, S. A.; PAPAVERO, N. **Museu Paraense Emílio Goeldi**. São Paulo: Banco Safra, 1986.

LOURENÇO, J. S. (Org.). **O Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém: MPEG, 1983.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

SANTOS, A. S. M.; JESUS, V. M. Chelala, Ruthe Pinheiro Condurú, 1932-1974: pioneirismo e dedicação na biblioteconomia do Pará. In: SIMONIAN, L. T. L. (org.). **Mulheres pan-amazônicas: enciclopédia cooperativa de biografias [em linha]**. Belém: NAEA; UFPA, 2011. p. 73-85. (Série icamiabas; 1).

SCOTT, J. **A matter of record: documentary sources in social research**. Cambridge: Polity Press, 1990.

SILVA. A. R. Práticas novas em odres velhos: Coordenação de Informação e Documentação do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Inclusão Social**, [s. l.], v. 8, n. 1, 2016.

SOUZA, O. C.; FERREIRA, R. S. Clodoaldo Beckmann (1927-2007): o médico cirurgião e documentalista dedicado à biblioteconomia. **Palavra Clave (Argentina)**, Buenos Aires, v. 5, n. 1, p. 1-18, 2015.

UNIVERSIDADE DO PARÁ. Conselho Universitário. **Resolução 1-A, de 28 de janeiro de 1963**. Cria novos cursos na Universidade do Pará. Belém: CONSUN/UFPA, 1963. Disponível em: <https://tinyurl.com/4hjvjbxx>. Acesso em: 20 abr. 2025.